

# “Mexendo o doce”: uma aproximação etnográfica do skate de rua DIY<sup>1</sup>

Giovanni Cirino

UEL - Universidade Estadual de Londrina (PR)

Resumo: Práticas sociais realizadas pelos coletivos urbanos ligados ao mundo da chamada “cultura de rua” são especialmente interessantes para pensar intersecções entre formas criativas de criar e de ocupar a cidade. Em diversas cidades do mundo encontram-se intervenções realizadas em espaços públicos, às vezes lugares abandonados, ou lugares de passagem como calçadas e vielas, mas principalmente quadras e praças que passam a ganhar novas práticas através de novos usos e construções. Na região de Londrina não é diferente, essas intervenções, conhecidas como DIY (Do It Yourself), criam condições para diversas performances com características estéticas, artísticas e esportivas. Mais especificamente estamos interessados em entender as intervenções e modificações no espaço público realizados por praticantes do skate de rua. Tais modificações permitem não apenas a realização de performances – as manobras – mas também diversos outros desdobramentos como, por exemplo, a realização de vídeos ou a produção de conteúdo para o impulsionamento em redes sociais. Chama atenção, portanto, não apenas a performance das manobras, mas também a motivação para construir as intervenções nos espaços públicos e também os múltiplos desdobramentos e usos.

Palavras-chave: intervenções urbanas, skate de rua, DIY

## 1 Introdução

O interesse do texto que aqui se apresenta é expor alguns elementos de uma pesquisa em andamento sobre a prática do skate de rua. O campo que se escolheu como recorte espacial está localizado na região norte do estado do Paraná, especialmente região de Londrina. Região reconhecida pelos praticantes como polo importante do estado, não apenas pelo número de praticantes, mas também pela economia que movimenta e por importantes nomes provenientes da região.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, GT 75 “Mundos em Performance” (Ano: 2024).

O que considero como o início desta investigação se deu quando fui convidado a integrar a diretoria da Associação de Skate de Londrina (ASKL) em 2020. Ao ser introduzido no grupo fui apresentado ao contexto de atuação da entidade e das ações que vinham sendo realizadas em articulações políticas com o poder público e a iniciativa privada. As iniciativas têm como diretriz o fortalecimento da cena do skate local, principalmente com novas pistas, manutenções e eventos. Em torno desses três eixos diversas ações foram desenvolvidas: conquista de uma quadra (Av. Castelo Branco), reforma e pintura do Zerão, reforma e pintura da Miniramp do Bandeirantes, pintura da pista da zona leste (mrv). No que diz respeito aos eventos foram realizados eventos locais com campeonatos e “melhor manobra” (best trick) e o já tradicional “Go Skate Day”.

Em torno dessas atividades é possível acompanhar a entidade, mas para além do aspecto institucional, no cotidiano dessas realizações e na própria prática do skate, nas *sessões* e nos *rolês* realizados é que podemos captar melhor a mentalidade desses sujeitos. É nesse acompanhamento que descobrimos sutilezas sobre as preferências, o universo sonoro, a moda, os *setups* escolhidos para cada tipo de terreno, as visões em relação aos *picos*, as visões em relação às possibilidades de manobras em cada *pico*.

Nesses aspectos mais sutis é que se encontra o interesse que comecei a perseguir. A minha inserção nesse campo empírico é decorrente de um projeto de pesquisa intitulado *Artes do Fazer: formas expressivas e experiência em Londrina*. A partir de uma abordagem de sondagem ampla e exploratória foram acompanhadas algumas práticas da cidade que iam desde grupos de choro e samba ao grafite e pixo, passando por artistas de rua, beach volley, batalhas de rima, futebol nas periferias, bikers, malabaristas e skatistas. Nesse contexto surgiu também o envolvimento de alguns dos coletivos em debates públicos nas audiências para a discussão do Plano Diretor do Município de Londrina (PDML - 2023), principalmente em torno do Código de Condutas e do PL 203/21 que previa a possível privatização de espaços públicos, incluindo espaços de esporte e lazer. O acompanhamento dessa relação entre as práticas, as preferências, as controvérsias observadas em campo e a forma que tais questões chegam ao debate público e aos agentes públicos é característica dessa pesquisa.

## **2 Especificidade do Olhar**

Toma-se por interesse a perspectiva que considera a cidade como um interessante lugar para pensar, como produto e produtora, como resultado e como processo no qual as

pessoas desenvolvem formas específicas de atuar na realidade, transformando, alterando, construindo, modelando no sentido de atender anseios.

Esta abordagem procura estar atenta às questões de memória, dos processos de subjetivação, dos afetos e das afetações para adentrar o aspecto performático e performativo das pessoas e da própria cidade. Esse lugar para atuar impõem-se como um lugar desconfortável para alguns. Não se trata de apenas buscar as possibilidades e utopias, mas busca-las dentro de uma malha, dentro de uma teia intrincada de praticas, normas, regras e leis que muitas vezes forçam a modificação, alteração, adequação dos sonhos às possibilidades de sua realização.

As tensões e contradições presentes na cidade vão ao encontro das tensões presentes na construção do passado e do presente nas cidades através da implantação de monumentos, a encenação de peças teatrais, a escritura de grafites nos muros, a produção cinematográfica, etc. Também as cidades podem ser pensadas a partir de seu caráter performativo, ou seja, enfocando os aspectos que se inscrevem na gramática da cidade modificando-a e produzindo novas redes de relações. Ao mesmo tempo que se coloca como uma espécie de contexto no qual as práticas ocorrem, como uma espécie de “palco”, enquanto espaço produzido a cidade possui um caráter performativo, trata-se do caráter performativo do espaço urbano (Feenstra; Versero, 2021: 15).

A noção de performance e performatividade que aqui se adota implica necessariamente na consideração do processo, da diacronia e da dimensão histórica. Portanto, trata-se de um olhar que busca não apenas a ação performativa, mas também como essa ação implica na própria construção da cidade, as disputas e buscas por legitimidades, narrativas e percepções do espaço. Essa abordagem teórica se presta não apenas à contemplação de vários âmbitos de campos contraditórios, mas também bastante interessante para estudar conjunturas e objetos diversos e dispersos.

Pode-se dizer que no âmbito de nosso recorte surgem diversos conflitos e contradições interessantes não apenas como campo reflexivo, mas também para compreender os processos tensos de construção e entendimento da cidade, notadamente do uso dos espaços públicos e das formas de sociabilidade presentes nestes locais.

No skate de rua DIY será considerada aqui a prática que realiza performances de construções e intervenções criativas na cidade, bem como a performance das manobras de skate. A busca pelas possibilidades se torna um objetivo que motiva e gera laços entre sujeitos. Esse universo do imaginado pode ser pensado não apenas por aquilo construído, mas também uma ampla gama de invenções criativas.

### 3 Skate de rua DIY

A prática do skate de rua historicamente esteve associada aos espaços públicos. De forma geral isso parece obvio uma vez que o logradouro ‘rua’ é associado ao próprio nome da modalidade. No entanto, o skate de rua pode ser observado em diversos tipos de locais. Especificidades desta prática estão associadas não apenas aos locais públicos nos quais esta atividade é permitida, mas também (e principalmente) aos locais proibidos. Em abril de 2024, o Subcultural Anthropology of Skateboarders Research Group [S.A.S.R.G.] publicou no site Youtube o “Spot”, curta-metragem de Daniel Paese que trata da percepção do skatista de rua e suas capacidades de “transformar” um lugar da cidade em um *Spot*. Ou seja, transformar um lugar qualquer em um lugar que possibilite a realização de certas manobras com o skate. Nesse sentido, o termo *spot* é entendido como um lugar privilegiado e especial dadas as características que possibilitam a realização de certas performances. O termo análogo utilizado pelos skatistas brasileiros é *pico*.

“Se você já observou os padrões comportamentais dos skatistas você provavelmente já os testemunhou andando de skate onde não deveriam. Embora esta tendência não seja observada em cada skatista. Ao longo dos anos, os pesquisadores notaram uma correlação entre o ato de andar de skate e a escolha por andar de skate onde não é permitido. Esta prática não veio sem resistência. Proprietários de imóveis, seguranças e a aplicação da lei municipal foram notoriamente contra isso pelos barulhos altos e potencial danos materiais e a responsabilidade desta atividade perigosa. Com alguma regularidade, esse ato de andar de skate em propriedades privadas resulta na própria expulsão deles desses espaços. Há muitas vezes um confronto breve e ritualístico que segue. “Propriedade privada. Proibido andar de skate”. (SPOTS, Subcultural Anthropology of Skateboarders Research Group [S.A.S.R.G.], 2024). <https://www.youtube.com/watch?v=N9oY7I720vw>

Essa tendência relacionada pelos próprios praticantes como algo intrínseco ao skatista ganha diversas faces, estando conectada com diferentes realidades e modalidades. A percepção do espaço enquanto um *pico* se dá tanto em espaços privados quanto públicos. As intervenções realizadas nos espaços públicos, seja aproveitando algo já construído ou fazendo do zero algo que possibilite o uso do espaço e a realização de performances está diretamente relacionado com o que os skatistas chamam de DIY.

Em 10/11/2023 o Canal Off exibiu o programa “Skate em Partes” com o título *Faça você mesmo DIY*, dirigido por Ronaldo Land com produção executiva de Ronaldo

Land e Nilo Peçanha. Para os realizadores “(...) entre tombos e acertos o skate nos faz criativos, estamos sempre atentos ao movimento da cidade, esperando para interagir o máximo que der, criando picos, transformando lugares, e por conta própria fazendo coisas óbvias se tornarem obstáculos skatáveis”. Essa forma de definir o objeto do programa nos auxilia a entender os objetivos e interesses do skatista de rua.

Segundo o skatista Nilo Peçanha essa prática está associada à capacidade de improviso e também à motivação para realmente “colocar a mão na massa”. Para ele a cultura DIY,

“(…) vai além daquele lance de você construir tudo desde o zero, porque tem muito picos que a gente passa e fala ‘caraca, se tivesse uma entradinha ali, seria perfeito, aí você vai e coloca uma chapa, que às vezes uma placa que está caída, ou que a galera faz cair ali na hora vira a entrada de um *bank*, de uma *quarenta e cinco* [graus] que tem um tranco (...) então você anda com uma massa plástica na mochila! Tem uma galera que é muito ativa nisso e tá sempre fazendo picos que são quase skatáveis virar um pico skatável. [Programa Skate em Partes, Nilo Peçanha, skatista]

Como explica o skatista e arquiteto Pharrá Buarque, o DIY é uma sigla, em inglês *do it yourself*, que em português significa *faça você mesmo*, um lema do movimento punk que foi adotado pelos skatistas. Se articulando contrariamente à lógica do capital, de caráter contracultural e de cunho crítico à lógica consumista, os skatistas enfrentaram suas condições materiais para dar conta de certas demandas. “Então às vezes o cara que tá fazendo shape vai esbarrar com o cara que tá fazendo vídeo, que vai esbarrar com o cara que tá fazendo som, que vai esbarrar com o cara que tá fazendo fotografia, que vai esbarrar com o cara que tá fazendo obstáculo (...)”. Para Buarque essa é uma das principais características da cena do skate de rua. Nesse sentido, os resultados das práticas são extremamente importantes. “Então [não é] só sobre o produto final também, é sobre como tudo isso gera conexões e faz uma cena inteira evoluir”.

Essas realizações são marcadas por fases e gerações. Uma vez que estamos fazendo referência a práticas relativamente recentes, é notável que o mercado que se constituiu se deu a partir da iniciativa dos próprios skatistas, em sua maioria aproveitando os esforços coletivos de maneira decisiva, como conta o skatista Ademar Lucas.

“Eu vi a galera se esforçando para poder fazer seus próprios obstáculos, pra poder ter seus próprios picos, montando suas próprias marcas pra poder conseguir promover seus próprios eventos, montando suas próprias

produtoras, então eu vim da geração da galera que se quisesse ver alguma coisa precisava meter a mão na massa pra alguma melhoria acontecer” [Programa Skate em Partes, Ademar Lucas, skatista].

Embora realizado em muitos países, as características dessa prática encontram no Brasil um ambiente diferenciado. “Meter a mão na massa” ou “mexer o doce” são expressões utilizadas pelos skatistas, para fazer referência às suas motivações e performances de construções. É dessa forma que o skatista e arquiteto Bruno Pires percebe.

“O skate brasileiro em geral ele se criou nesse contexto e criou uma identidade mesmo, acho que tem a ver com o povo assim, a gente vai além das adversidades né, a gente cria o nosso jeito de fazer, a gente cria a nossa forma de desenvolver” [Programa Skate em Partes, Bruno Pires, skatista e arquiteto].

Então, de alguma forma essas características são observadas no campo e evidenciadas pelos sujeitos e interlocutores. Como afirma Felipe Motta, skatista e designer, “Essa cultura é feita com nossas próprias mãos, a gente dá o nosso jeito (...)”. [Programa Skate em Partes]. Partindo da necessidade, os skatistas produzem alterações na cidade, se apropriam de espaços antes inutilizados ou subutilizados, criam condições para construção de performances, eventos, marcas, produtos, moda, música, artes e diversos outros elementos. Criam condições para a usos e contra-usos, bem como novas relações.

“Tudo que é feito no Brasil tem essa característica de ‘faça você mesmo’ é um país com uma história muito peculiar né, e a gente vive até hoje resquícios da história do país que nos leva a ter um comportamento assim de ‘se vira, faz acontecer’ se você não ir atrás e der um jeito nada vai acontecer né (...). É característica das ruas do Brasil, do material com que as coisas são construídas, do nível de mão de obra, regras no geral do espaço urbano, coisas assim. Dificulta um pouco andar no Brasil, o que eu acho que também tem um ponto positivo porque a gente aprende a lidar com um monte de adversidades”. (...) “Todas as características que o skate tem leva para um caminho do *faça você mesmo*, é uma coisa que você cria, que é só sua, tem uma liberdade imensa de criar, você faz amizade profunda muito rápido, tudo isso favorece para a galera se juntar e criar alguma coisa [Programa Skate em Partes, Klaus Bohms, skatista].

Segundo o glossário produzido pelo site *Go Session*, a cultura skateboarding é composta por diversos valores, atitudes e comportamentos compartilhados pelos

skatistas. É caracterizada pela liberdade de expressão, pela criatividade e pela busca constante por desafios e superação, sendo valorizados o estilo pessoal, a autenticidade. Essas marcas são manifestas em diversos aspectos da vida. Tais manifestações remetem aos elementos aqui caracterizados na prática do skate de rua DIY.

Os *picos* DIY, sendo construídos pelos próprios skatistas utilizando materiais e recursos disponíveis, geralmente em espaços abandonados ou subutilizados, terrenos baldios, vielas e becos, se tornam verdadeiros paraísos para os skatistas que buscam de forma criativa novos desafios e superações. É daí também que podemos falar dos DIY skateparks. Ou seja, pistas de skate feitas com recursos dos próprios skatistas para dar visão a demandas específicas, “(...) geralmente em terrenos maiores, com rampas, obstáculos e elementos que permitem a prática de diferentes modalidades do skate. Esses skateparks DIY são verdadeiras obras de arte, criadas com paixão e dedicação pelos skatistas da comunidade”. (<https://gosession.com.br/glossario/skate-e-cultura-diy-faca-voce-mesmo/> [9 março, 2024]).

Casos desse tipo são encontrados pelo Brasil afora em diversas cidades. Pode-se dizer que se trata de um fenômeno difundido por todo o país. Em cada cidade, os skatistas locais se organizam para intervir, alterar, modificar ou construir do zero simples obstáculos ou espaços inteiros com diversos obstáculos. Essa prática se dá em geral para suprir demandas específicas no que diz respeito a intervenção, modificação do espaço público, ocupação e realização de manobras.

#### **4 Dois casos DIY no Norte do Paraná:**

##### **[ASP] Alvorada Skate Plaza (Cambé) e Castelo Branco (Londrina)**

A busca por lugares interessantes para se andar de skate leva seus praticantes a explorar a cidade. Esses lugares de interesse, os *picos*, são constantemente modificados. Na cidade de Londrina e região isso não é diferente. São diversos os casos de locais que os praticantes apontam como *picos* interessantes. Alguns foram utilizados e se tornaram ícones das narrativas do skate de Londrina. Muitos não existem mais.

Certos lugares foram definitivamente conquistados pelos skatistas. São lugares que passaram a ser reconhecidos pelo poder público como espaços exclusivos para a prática do skate. Na cidade de Londrina, local em que possui uma das associações de skate mais antigas do Brasil, os espaços conquistados são referenciais. Esse é o caso de uma das quadras da Área de Recreação e Lazer Luigi Borghese, o Zerão. Originalmente

essa era uma quadra destinada ao voleibol. No entanto, os skatistas aproveitavam esse espaço que, com o tempo foi reivindicado e conquistado pelos skatistas. Também conhecido pelos skatistas como “Big O”, esse *pico* icônico passou por um processo de construção de obstáculos feitos pelos próprios skatistas sem a participação ou apoio do poder público. Angariando fundos com eventos e com o auxílio das skateshops locais (como a MT3, a Retta, a Worship e a Postal) diversos foram os momentos de manutenções, pinturas e reformas que modificaram o espaço.

Esse processo de ocupação se deu também na quadra localizada no bairro Alvorada, no município vizinho de Cambé. Originalmente utilizada pela comunidade local e pelos policiais civis da delegacia próxima, a quadra foi inicialmente ocupada por skatistas em momentos ociosos que, aos poucos foram tomando conta do espaço, modificando, construindo e fazendo as manutenções e pintura.



Imagem 1: Foto panorâmica da Alvorada Skate Plaza [ASP] mostrando os obstáculos centrais

Por volta do ano de 2006 os skatistas locais estavam interessados em ter um lugar para poder praticar sem serem incomodados. Antes disso os poucos skatistas da cidade andavam dentro de uma escola pública localizada no bairro Ana Rosa com obstáculos construídos com madeira. Porém os obstáculos foram queimados por vizinhos que não simpatizavam com aquela prática. Foi então em 2006 que começaram a utilizar a quadra do Alvorada. Robson Leandro Araújo de Lima, o Robinho, é um dos skatistas mais envolvidos com a construção e manutenção da ASP. Segundo ele as dificuldades para

ocupar e utilizar para o skate uma quadra como a ASP foi uma conquista muito significativa para a cena de Cambé.

Daí nós começou a migrar pro centro, andar de rua mesmo, daí a gente viu que tinha uma par de quadra abandonada. Daí nós tentou no Cambé 4, daí não deu certo, tentamos no Tupi mas não deu certo, Cambé 2 não deu certo. ‘Mano, quer saber, vamos fazer um bagulho de cimento pra nós andar?’. Isso foi em 2009 mais ou menos. Daí nós ficou uns 5 anos capengando ali, nas praças, nos lugares, até entender que a gente tinha o potencial de fazer nosso próprio spot. (...) O skate veio dessa forma de construir e ir fazendo, a galera junto também, quem somava era quem estava ali junto e evoluía (...) a galera não tem essa noção do skate que começou la atrás, quando faltava 2 pregos no palquinho, nós era em 3, tinha 6 pregos na parada e dois martelo [Robson Leandro Araújo de Lima, entrevista, 12/06/2024].

Segundo a narrativa do Robinho, essas dificuldades fizeram com que os skatistas locais se unissem na busca pela ocupação de forma organizada para conquistar o espaço que já era cobiçado. Com o tempo o grupo de skatistas foi passando por alterações. Alguns pararam de praticar enquanto outros novatos surgiram na cena. Robinho lembra com vivacidade as dificuldades para fazer os mais novos entenderem as dificuldades que já foram superadas e como a ASP representa essa vitória definitiva e essa conquista de um *pico* para os skatistas da cidade. Aos poucos os obstáculos foram sendo modificados. Surgiram também novos obstáculos que passaram a integrar a ASP. Abaixo podemos ver um dos obstáculos recentes mais originais e curiosos da redondeza.





Imagens 2, 3 e 4: Fotos mostrando o obstáculo “triângulo das bermudas” idealizado e construído pelo skatista Robson Leandro Araújo de Lima (Robinho) com ajuda dos skatistas locais.

Segundo Robinho os materiais utilizados são produto de reaproveitamento de obras e são bastante diversificados quando comparados com outros *picos*. Fragmentos de peças de mármore e granito, pastilhas de piscina, blocos de concreto recolhidos de outros lugares.

Então esse bagulho é a ciência do acabamento, tipo eu mexo com isso. Aí às vezes eu misturo uma parada de piscina no meio de um obstáculo de skate, já da uma impressão diferente, ‘mano o que a gente busca?’ É a sensação! É você acertar uma parada e sentir, a textura, passar num caroço desse aqui e você sentir. Eu chamo isso de trajeto, às vezes a gente vem atrás só de um trajeto e a manobra é só um detalhe ali, você vai implantando, a gente busca isso da cidade, tudo o que tem aqui dentro é baseado num desnível da cidade, tipo assim uma parede torta já um *wallride*, um corrimão de uma loja é a borda. O material já tá aí. Aqui só tá junto, unido [Robson Leandro Araújo de Lima, entrevista, 12/06/2024].

Essas particularidades dos materiais são decisivas para a realização das manobras. É por isso que para falar da prática do skate de rua DIY é imprescindível tratar a construção desses obstáculos e intervenções. Existe um conhecimento específico nessa atividade, uma *ciência do acabamento*. Não se trata apenas de construir, mas construir de uma forma muito específica, com intenção, planejamento, aproveitamento e coerência. Isso faz com que seja necessário discutir não apenas a performance do skatista ao realizar as manobras, mas também a performance do planejamento e execução dessas obras. A referência aos materiais e a especificidade diz respeito principalmente com os ângulos, como o material

e o coeficiente de atrito produzido com os materiais do skate (o poliuretano das rodas, a liga de metal dos eixos e a madeira da prancha).

Outro caso de ocupação realizada por skatistas na região de Londrina é a quadra localizada na Av. Castelo Branco. Nessa localidade os skatistas realizaram diversas intervenções com obstáculos de concreto. As atividades nessa quadra tiveram início em 2019, porém com o surgimento da pandemia de COVID houve um hiato nessa ocupação. Neste caso, as skateshops Retta e Postal realizaram um apoio significativo para o financiamento da obra que conta com cano de ferro, um palco com duas alturas de borda e ainda uma borda feita com o granito trazido do Vale do Anhangabaú em São Paulo.

Com a destruição para a reforma do Vale, as antigas arquibancadas que eram utilizadas pelos skatistas desde os anos 1990 foram recuperadas e utilizadas em obstáculos de diversas cidades espalhadas pelo Brasil. Um desses pedaços foi trazido para Londrina através do esforço da Retta, notadamente o skatista profissional Rafael Gomes que esteve presente na inauguração.

Recentemente a quadra passou por novas reformas e manutenção, financiadas desta vez não apenas pela Retta, mas também pela marca Converse que também vem somando para a viabilização das obras e arcando com parte dos custos. Como podemos ver nas imagens abaixo, a construção do *quarter* duplo foi produzida e realizada pelos skatistas locais através de apoio financeiro. Apesar desse recurso ser proveniente de empresas locais, importante que se diga que a busca por esses recursos foi realizada de forma autônoma pelos skatistas contando com o apoio da Associação de Skatistas de Londrina (ASKL).



Imagens 5 e 6: Prints de imagens publicadas no Instagram da Associação de Skatistas de Londrina [ASKL] e dos skatistas locais (Kooki Miyamoto e Wagner Ruth) registrando a construção dos obstáculos novos na Quadra da Castelo Branco, Londrina.

Nas obras mais recentes foi decisiva a participação e o planejamento dos skatistas locais, notadamente Wagner Ruth e Diogo F. T. Silva que representam a Diretoria de Obras da ASKL. Muitos skatistas locais participaram das obras e foram decisivos para o funcionamento das atividades. Diferente de outras situações, neste caso da construção do *quarter* vale notar que foram alugados equipamentos (como a BobCat e betoneira) para facilitar e agilizar a obra. Abaixo podemos ver o planejamento e realização da obra.





Imagens 7, 8, 9 e 10: Fotos mostrando a construção do *quarter* duplo na Quadra da Castelo Branco, Londrina.

Essas intervenções no espaço da cidade se tornam necessárias, na medida em que as políticas públicas que dizem respeito ao uso do espaço falham no atendimento às demandas dos skatistas. As construções que propiciam a ocupação e modificam os espaços criam as condições de novas formas de sociabilidade no local. Isso induz a novos usos e contra-usos, bem como a criação de novas relações. As coisas e as pessoas interagem de uma nova maneira. A criatividade na construção, nas manobras executadas e em todas as outras atividades que se organizam a partir disso performam novas apropriações do espaço.

#### **4 Considerações finais: DIY e a crítica performativa à cidade**

Ao olhar para tais práticas vislumbra-se as contradições e conflitos provenientes das políticas públicas voltadas às práticas culturais e/ou esportivas. Trata-se de olhar para as formas expressivas/artísticas/comunicativas em suas relações com a cidade e com a cidadania. Mudar o cotidiano de um lugar e de outras pessoas é algo fundamental que se observa na prática do skate de rua DIY. Como diz Robinho:

Esse lugar trouxe muita coisa, uma geração, eu falo no caso porque botei a mão ali pra mudar o cotidiano de muitas pessoas ali, que não ia tá vindo num lugar público que vai te abraçar (...). Então a gente proporcionou isso. (...) Por isso que eu digo que eu mudei o cotidiano de uma banca. Uma mãozinha assim, as pessoas arrumam uma namorada aqui e acabam casando, então tipo assim é um ponto de encontro pra unir vidas através dos tijolos, então é um

recebimento da sociedade, (...) então é um pico pra você colar mano e expressar algo, faz parte da arte. Então, por isso, isso que me motiva, perder uns 3 ou 4 fins de semana e construir um bagulho e depois ir lá pintar, ver o negócio feito me motiva mais do que tentar uma manobra e gravar. É mais massa, às vezes, ver a manobra de alguém no bagulho e pensar “olha se não tivesse o bagulho ninguém ia lá dar essa manobra”. Eu viajo mais nesse tipo de sensação, tá ligado? É o meu pessoal. É um retorno que você está fazendo o bem pra você e pro próximo então isso é muito deferente, você fornece sua mão, seu conhecimento, suas horas de trabalho e contribui para a cultura, nada mais justo que você fazer algo de valor [Robson Leandro Araújo de Lima, entrevista, 12/06/2024].

Nesse sentido, apontamos para novas formas de sociabilidade produzidas a partir dos contra-usos que o espaço público possibilita (Leite 2007). As práticas realizadas no contexto do skate de rua DIY realiza possibilidades de uma cidade em construção. Se por um lado podemos afirmar que a prática do skate passou por modificações significativas, indo de sua introdução proveniente dos Estados Unidos (Califórnia) passando de uma imagem marginal e marginalizada para uma proeminente e espetacularizada com a introdução da modalidade nas Olimpíadas (Bäckström & Blackman 2022), por outro lado podemos dizer que o skate de rua DIY ainda representa parte significativa do impulso inicial daqueles marginalizados que continuam buscando novas formas de ocupação e sociabilidade em interstícios e periferias. A emergência dos fenômenos relacionados às “novas condições” do skate contemporâneo apresenta características que nos forçam a buscar compreender o skate de rua DIY num contexto mais amplo das diversas expressões ligadas à “cultura de rua”.

Parece plausível a percepção que as práticas do skate de rua DIY ocupam espaços marginais e marginalizados da cidade. Interstícios ocupados pelos agenciamentos realizados pelos cidadãos. Nesses locais podemos perceber como o fazer-cidade (Agier 2015, 491) se materializa enquanto ação política, pragmática, enquanto uma declinação do ‘direito à cidade’ (Lefebvre 2001, 105). Ou seja, embora não estejamos tratando de ocupações que visam suprir o direito à moradia, ainda assim trata-se de “uma das maneiras para os mais pobres de fazerem reconhecer seu direito a estar ali. A ocupação urbana é um agir político cujo objeto é um direito humano e, ao mesmo tempo, um direito à cidade” (Agier 2015, 492).

As ocupações realizadas pelos skatistas de rua DIY dizem respeito a necessidades sociais. É sobre esse tipo de necessidade que Lefebvre se refere quando trata das atividades criadoras, das obras, da comunicação, do simbolismo, do imaginário e das

atividades lúdicas. A potência e a importância das atividades que suprem essas necessidades se colocam justamente como o “desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações particulares e momentos, que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos.” (Lefebvre 2001, 105).

Num sentido mais amplo, podemos inferir que as percepções dos skatistas de rua DIY e os sujeitos perceptivos formam com o ambiente uma única totalidade. Seguindo as colocações de Ingold (2015), Stabelini (2016) afirma que o ambiente se torna skatável dadas as propriedades intrínsecas a esse ambiente, mas também as habilidades do praticante. É a combinação desses vários fatores que possibilita uma resignificação do espaço. Através da construção de novos *picos* pelos skatistas de rua DIY os espaços da cidade são criativamente reinventados. Trata-se certamente de uma crítica performativa à forma como a cidade está consolidada (Machado 2019, 301; Borden 2001).

### **Referências Bibliográficas**

- AGIER, Michel. 2011 *Antropologia da Cidade*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.
- BÄCKSTRÖM, Asa; BLACKMAN, Shane. 2022. “Skateboarding: From Urban Spaces to Subcultural Olympians”. *Young*, 30(2) 121 – 131.
- BORDEN, I. 2001. *Skateboarding, space and the city: architecture and the body*. Oxford: Berg.
- CERTEAU, Michel de. 2014. *A invenção do cotidiano. 1. Artes do Fazer*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- CHAREST, Brian. 2024. What can schools learn from de DIY skateboarding culture? Disponível em: <http://kickflippingatforty.wordpress.com/2014/02/13/what-can-schools-learn-from-the-diy-skateboarding-culture/>. [Acesso em: 09 abril. 2024].
- FEENSTRA, Pietsie; VERSERO, Lorena; (et. Al.). 2021. *Ciudades Performativas: prácticas artísticas y políticas de (des)memória en Buenos Aires, Berlín y Madrid*. Buenos Aires: CLACSO.
- GO SESSION, 2024. <https://gosession.com.br/glossario/skate-e-cultura-diy-faca-voce-mesmo/> [Visita em 9/03/2024].
- HANNERZ, Ulf. 2015. *Explorando a Cidade. Em busca de uma antropologia urbana*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.

- INGOLD, Tim. 2000. *The Perception of Environment: Essays on Livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
- LEFEBVRE, Henri. 2001. *Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro.
- \_\_\_\_\_. 1999. *A revolução urbana, espaço e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- \_\_\_\_\_. 1991. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática.
- LEITE, Rogério Proença. 2007. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp; Aracajú, SE: Ed.UFS.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. 2019. Mão na massa e skate no pé: práticas cidadinas nas novas centralidades paulistanas. *Anuário Antropológico*, v. 44, n. 1: 285-305. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.3523>.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. 2021. “Os enquadramentos da cidadindade: sobre os impactos da prática do skate de rua na cidade de São Paulo”. *Revista de Antropologia* (São Paulo, Online), Vol. 64, No 03, USP.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. 2022. *A cidade do skate: sobre os desafios da cidadindade*. São Paulo: Hucitec.
- STABELINI, Julio Cesar. 2016. *O Skate na prática: etnografia visual, habilidades e affordance em um circuito urbano*. Dissertação de Mestrado, UFSC – CFCH, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, SC.